

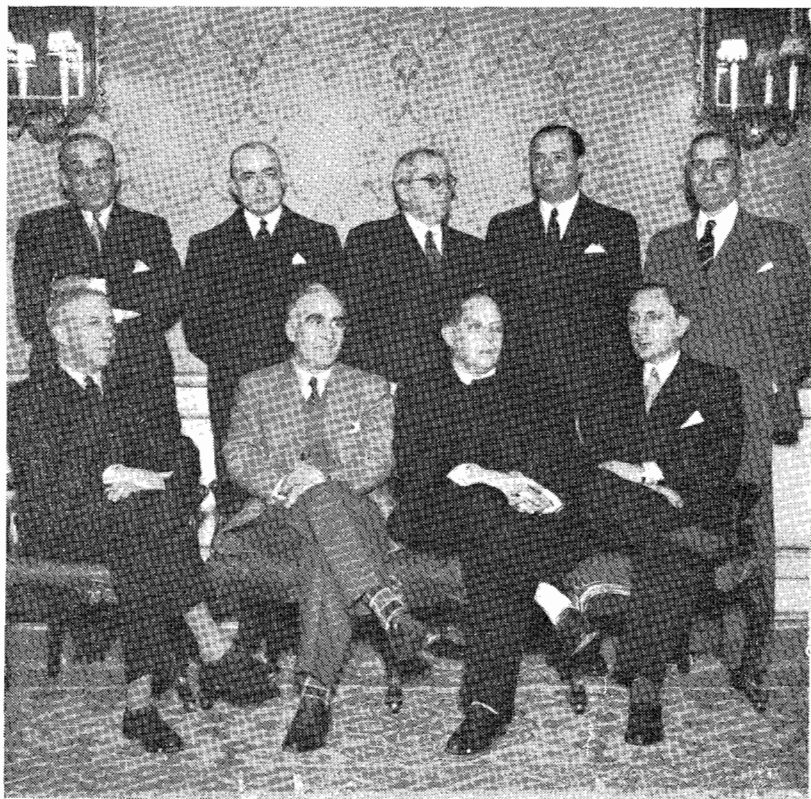
A tertúlia e «os tertulíadas»

No dia de Nossa Senhora da Conceição — a Padroeira de Portugal — de 1923, uma mensagem foi divulgada anunciando a constituição da «Acção Realista Portuguesa», movimento com ideário idêntico ao do «Integralismo Lusitano» mas que dele se separava por divergência a respeito da questão dinástica. O Integralismo considerava que o rei deveria ser D. Duarte de Bragança. A Acção Realista aceitava D. Manuel II como rei a restaurar e como seu herdeiro o mesmo príncipe D. Duarte, representante do ramo da Casa de Bragança derivado do «rei legítimo» D. Miguel I. A comissão executiva do novo movimento foi constituída por Alfredo Pimenta, António Cabral, Caetano Beirão, Ernesto Gonçalves, Francisco Quintela, José Pedro Folque, D. Rui da Câmara e o visconde do Torrão.

Começou a Acção Realista por publicar um semanário, «A Voz Nacional», que Luís Chaves dirigiu. Depois lançou uma revista mensal, intitulada «Acção Realista», dirigida por Ernesto Gonçalves. E a seguir abalçou-se à publicação de um diário da tarde, com o mesmo título, de que foi director João Ameal. Durou este vespertino de Abril a Agosto de 1926 — período crucial da vida política portuguesa deste século, como ninguém ignora.

Frequentavam a sua redacção com regularidade não só os elementos que «faziam» o jornal, como colaboradores e amigos ligados pelo mesmo pensamento tradicionalista e antiparlamentar, e pelas mesmas convicções monárquicas, a favor da monarquia orgânica, antiliberal. Esse convívio estabeleceu entre a maior parte desses intelectuais e militantes estreitos laços de amizade e camaradagem, o que os levou a procurar encontrar-se com certa frequência ainda depois de o jornal ter suspenso a sua publicação por falta de fundos. (Pouco depois João do Amaral lançou o brilhante vespertino que foi «A Ideia Nacional», de vida também fugaz).

Os anos foram passando e ao longo deles esses encontros



«Os Tertuladas»

Da esquerda para a direita, em baixo: — Caetano Beirão, João do Amaral, Alfredo Pimenta e João Ameal. Em cima: — Alberto Ramires dos Reis, Francisco Santos Silva, António Menezes, Luís da Câmara Pina e Fernando Campos.



Montagem fotográfica publicada no diário «Correio do Minho», de Braga, no seu n.º 2 981, de 3/4/936, comemorando o 1.º aniversário da sua fase nacionalista, na qual figuram os seus colaboradores: Antero de Figueiredo, Dr. Augusto Morna, Prof. António A. Dória, António Corrêa de Oliveira, Conde de Aurora, Fernando Campos, Dr. Manuel Múrias, Eng.º Silva Dias, Alfredo Pimenta, Dr. António da Fonseca, Eng.º Agr.º Luís Quartin Graça, Eng.º Agr.º António Tomás Tavares, Eng.º Agr.º Henrique de Sá Carneiro, António José de Oliveira, Prof. Cândido Duarte, Eng.º Agr.º Montalvão Machado, Eng.º Agr.º Amândio Barredo Galhano, Dr. António dos Reis Ribeiro, Dr. António Pires de Lima, Eng.º Agr.º Armando da Costa Vilaça, Eng.º Agr.º J. Justino Amorim, Dr. J. Santos Barreira, Dr. Marino Leitão de Carvalho e Manuel Alves de Oliveira

mantiveram-se, com naturais oscilações de regularidade mas, em compensação, com a inevitável selecção dos elementos mais fiéis e constantes. Até que, em 1932, Alfredo Pimenta teve a ideia da *Tertúlia* — que se reuniria semanalmente na residência de cada um dos seus membros. E assim passou a acontecer.

O grupo da *Tertúlia*, aparentemente heterogéneo, era na realidade muito unido pela amizade e pela simpatia mútuas, e também por identidade de pensamento que não excluía alguma diversidade de ideias quanto a pontos determinados de ideologia filosófica e política, nem certa divergência de comportamento em relação à actualidade nacional de então. Durou a *Tertúlia* largos anos, até que, pelo final da 2.^a Grande Guerra, as reuniões se foram espaçando, acabando por não mais acontecer. Depois, «a velha dama insaciável» foi levando, um após outro, quase todos os tertulianos.

Além de Alfredo Pimenta faziam parte da *Tertúlia* o dr. Caetano Beirão, o dr. João Ameal, Fernando Campos, o dr. Alberto dos Reis, o dr. António de Menezes, Francisco dos Santos Silva, Luís da Câmara Pina (então tenente ou capitão) e outro oficial do Exército, Mário Carvalho Nunes.

De Alfredo Pimenta não tentarei sequer esboçar aqui o perfil ou formular a síntese da sua obra imensa, valiosa e multimoda, dado que neste número do «Boletim» tantos outros o fazem com muito mais proficiência e brilho do que eu o poderia realizar.

Também de Caetano Beirão e de João Ameal poderia dispensar-me de evocar as suas personalidades, tão conhecidas são as suas obras e tão firmadas as suas reputações de escritores, de doutrinários e de historiadores. Mas importa, apesar de tudo, recordar que Caetano Beirão — militante no movimento intelectual do Integralismo e um dos fundadores da Acção Realista, como vimos — publicou cerca de uma vintena de trabalhos, alguns puramente literários, outros de doutrina e de polémica política — como «Uma Campanha Tradicionalista» (com prefácio de António Sardinha) e «A Lição da Democracia» — e, sobretudo, numerosos estudos históricos, entre os quais avultam a notável monografia sobre D. Maria I e as «Cartas da Rainha D. Mariana Vitória», «El-Rei D. Miguel e a sua descendência» e, em colaboração com Manuel Ferrandis, a «História Contemporânea de Espanha y Portugal» (Ed. Labor, Barcelona) — trabalhos que se caracterizam pela escrupulosa fundamentação documental e pela elegância desafectada do estilo, conferindo-lhe destacada posição entre os historiógrafos mais sérios deste século. O mesmo se dirá

de João Ameal, cuja actividade de escritor, principiada antes dos vinte anos, dura há mais de meio-século de invulgar fecundidade. Também Ameal se estreou com trabalhos puramente literários, mas depressa começou a publicar obras de doutrinação política: — «Directrizes da Nova Geração» é de 1925, «A Contra-Revolução», de 1928, «Panorama do Nacionalismo Português» e «A Revolução da Ordem», de 1932. Neste mesmo ano saiu «Portugal Restaurado», em que colaborou, entre outros, com Alfredo Pimenta. Não se devem esquecer «Falência da Democracia» (1933), «No Limiar da Idade Nova» (1934) e «Europa e os seus fantasmas» (1955). É imperativo lembrar, sobretudo, o seu magistral «São Tomás de Aquino» (1938), as «Erratas à História de Portugal — de D. João V a D. Miguel» (1939), em colaboração com Rodrigues Cavalheiro, «D. Leonor, Princesa Perfeitíssima» e muito principalmente a «História de Portugal», obra de capital importância cuja 1.^a edição veio a lume em 1940 e que foi repetidamente reeditada e ampliada. Recorde-se ainda a «História da Europa», trabalho de folego em quatro volumes, dos quais somente os três primeiros estão publicados. A bibliografia de João Ameal regista ainda inúmeros outros títulos. Toda a sua vasta obra — é de justiça sublinhar — distingue-se pela coerência e firmeza das convicções, pela seriedade dos estudos que a alicerçam, pela limpidez da exposição servida por uma pena singularmente dúctil e vigorosa que escreve um vernáculo sem jaça nem escuridade e, ainda, sem rebuscamentos alambicados. A amizade de João Ameal e Alfredo Pimenta veio a ser confirmada, já depois da morte do autor do «D. João III», pois coube a Ameal intitular os capítulos 31 a 57 do volume póstumo «Páginas Minhotas».

Fernando Campos também marcou com vigor a sua presença entre os jornalistas e escritores mantenedores das tradições nacionais, apesar da sua actividade de comerciante na Baixa lisboeta. Colaborador assíduo de jornais e revistas, desde as publicações do Integralismo às dos anos 50, Fernando Campos publicou algumas obras de mérito, importantes para o conhecimento da contra-revolução portuguesa, devendo citar-se, em especial, os dois volumes de «O Pensamento Contra-Revolucionário em Portugal» (1931-33) e «Genealogia do Pensamento Nacionalista» (1931). Merecem ser lembrados, também, «Os Nossos Mestres» e «No Saguão do liberalismo» (1935). O seu labor de estudioso e erudito levou-o à Associação dos Arqueólogos Portugueses.

O dr. Alberto Ramires dos Reis foi advogado distinto que se

interessava pelos estudos filosóficos. Homem culto e de inteligência viva, apaixonava-o a controvérsia dos filósofos e as perspectivas que a Filosofia oferece à busca do verdadeiro sentido da Vida e do destino do Homem.

Quanto a António de Menezes conheci-o quando era um esguio alferes miliciano e eu um rapazola. Excelente médico ortopedista, especializado em Berlim, depressa perdeu a figura esbelta da mocidade mas não o feitiço bonómico e o incomum poder de comunicação, adquirindo crescente curiosidade intelectual e sensibilidade artística que o impulsionaram a interessar-se pelas artes e a conviver com o escol dos modernistas de então — António Ferro, Leitão de Barros, Cottinelli Telmo, e muitos outros. Com o pseudónimo de Ruy de Veras assinou durante largo tempo um folhetim de crítica literária em «O Século», que teve repercussão na época. Aficionado pelo cinema de formato reduzido, veio a interessar-se pelos desportos náuticos, especialmente a Vela, modalidade em que se revelou competente comentador. Fomos bons amigos a vida inteira e não se esfumou ainda a saudade que sinto do seu convívio sempre agradável, prestante e proveitoso.

Francisco dos Santos Silva, *gentleman* de voz e maneiras suaves, era banqueiro (Fonsecas, *Santos & Viana*), era melómano e era um homem de cultura e perspicácia que não se gastava em conversas frívolas. Dir-se-ia que era avaro de palavras, como era comedido nos gestos e discreto nas atitudes.

Luís da Câmara Pina era o benjamin do grupo. Com a fogueira própria da idade, andava então empolgado pelas possibilidades das radiocomunicações nas actividades militares. Mas já revelava os interesses culturais que vieram a consubstanciar-se na sua obra de erudito e de historiador, realizada a par da sua bem sucedida carreira castrense. A criação do Instituto de Defesa Nacional chegaria para a singularizar. A historiografia portuguesa ficou a dever-lhes estudos de grande valor, como «A personalidade militar de D. Afonso Henriques» ou «Considerações em torno da Batalha de São Mamede», os quais plenamente justificaram a sua eleição para a Academia Portuguesa de História e para a Academia das Ciências, a que presidiu nos últimos anos da sua vida.

O outro militar do grupo, Mário Carvalho Nunes, oficial às ordens ou ajudante de campo do presidente Carmona, era um tertuliano estimado principalmente quando surgia com bem abastecida bagagem de rumores, boatos e *potins*, sobre a actualidade

política, originários, obviamente, das salas e dos corredores de Belém.

A primeira reunião da Tertúlia foi, creio, em casa de Fernando Campos. A seguir na de Alfredo Pimenta e depois nas dos outros tertulianos, numa rotatividade mais ou menos regular. Pela meia-noite, a dona da casa — que só então aparecia — presidia à ceia, acompanhada por chá e bebidas, entre as quais não se contava o *whisky*, que então ainda não se intrometera na moda e no gosto da sociedade portuguesa... Terminada a ceia, a senhora da casa eclipsava-se — e a Tertúlia continuava até às tantas.

Fazia parte dos «estatutos», estabelecidos por consenso, que cada tertuliano estava autorizado a levar um convidado às reuniões. Sei que, dessa regalia, beneficiaram João do Amaral, o seu monóculo e o seu espírito faiscantes, o Conde do Ameal, com a sua irradiante simpatia, o grande poeta Mário Beirão, decerto outros mais. E esse privilégio, graças à amizade de Ameal e de Menezes, tocou-me também. Pude assim estar presente, pelo menos, a duas reuniões da Tertúlia.

Alfredo Pimenta, com o seu monóculo inquisitivo e a sua voz metálica, começava por centrar as atenções. Depressa a conversa se generalizava e se acendia o debate. Caetano Beirão expunha com serenidade, sem se furtar no entanto a discussões vigorosas. Fernando Campos tinha uma forma discreta de ser veemente. Alberto dos Reis oscilava entre os arroubos impulsivos e as perplexidades torturadas. João Ameal intervinha para clarificar a controvérsia, pondo os pontos nos ii, defendendo a ortodoxia, se agravada, rectificando algum desvio de doutrina. Santos Silva colocava aqui e ali uma observação pertinente ou levantava uma dúvida que necessitava de esclarecimento. António de Menezes não perdia nenhuma oportunidade de se sair com uma piada ou de fazer um *calembourg*. Luís de Pina participava no debate sem constrangimentos e, quando a guerra de Espanha vinha à colação, era atentamente escutado: a sua qualidade de militar conferia-lhe autoridade especial.

Por vezes, aparecido um tema, sucediam-se vários monólogos a respeito. Outras, era o diálogo que imperava. Se uma controvérsia explodia, vários falavam ao mesmo tempo, até que o debate por si próprio se reordenava de novo. Todos os assuntos eram abordados — a política e as letras, as teses de doutrina ou os sucessos da actualidade, uma peça de teatro pouco antes estreada, um livro recentemente publicado, um conflito que estoirara entre

duas capelinhas ideológicas e, fatalmente, a situação internacional, a guerra civil espanhola. A Tertúlia, em cada uma dessas noites, realizava inteiramente o seu objectivo de «grupo conversante», que não era «jantante» como o outro de renomada memória. Sempre que algum dos tertulianos tinha um livro na forja ou escrevera um artigo ainda inédito, em que fazia gosto, lia durante a reunião esse artigo ou algumas páginas da obra pronta a ir para o prelo. Essas audições eram sempre apreciadas e festejadas.

Ora em certa reunião do começo de 1937 Alfredo Pimenta apareceu com uma surpresa que fez sensação: um opúsculo intitulado «Os Tertúliadas», assinado Frondélio Vimaranesense, com cerca de vinte páginas, das quais constavam um poema heroi-cómico seguido dos perfis dos tertulianos, traçados quase todos em sonetos e alguns noutros moldes poéticos. Antecedendo os perfis, um soneto em que o Autor deixa esta interrogação: «*Quem são eles, os nove cavalleiros / Da Távola Redonda Tertuliana?*» Mas logo promete a resposta: «*Amigos, atenção, oiçam-me bem!*»

No entanto, os Perfis não são nove, mas dez, pois o primeiro é o de Fernanda Campos, mulher de Fernando Campos, que presidiu à primeira ceia da Tertúlia — dessa tertúlia que não sentiu nunca a necessidade de adoptar qualquer designação que a caracterizasse. Era a Tertúlia, a inconfundível Tertúlia. Bastava-lhe existir como tal, com o único fito de reunir amigos para conviver e conversar — quando ainda era possível conversar e conviver. Pimenta, aliás, em «Os Tertúliadas» afirma: «*Tertúlia, no mundo, há apenas uma: / A minha, a vossa, esta Tertúlia, em suma!*»

À amabilidade e amizade de Alfredo Pimenta devo um exemplar, com dedicatória, de «Os Tertúliadas» — de que o Autor fez decerto reduzida tiragem e que, escusado seria dizê-lo, nunca foi posto no mercado.

São estas as três primeiras estâncias do poema:

*A Tertúlia que, há um lustro, se instituiu,
Pra se reunir, todos os oito dias,
E sempre, na verdade, se reuniu,
Com raras excepções por avarias,
E durante esse lustro definiu
Entre nós, a melhor das simpatias,
Mostrando ao mundo todo como é grande
Esta amizade que entre nós se expande;*

*Os nove tertulianos persistentes
 A estas assembleas semanais,
 Que deixam os carinhos dos parentes
 E até os divertimentos teatrais,
 Porque querem ser fixos e presentes
 A estas reuniões fenomenais,
 Onde tudo se encara e se comenta,
 Com ou sem sal, — mas sempre com pimenta;*

*A Tertúlia e os seus tertulianos,
 Com seus modos, e glórias, e façanhas,
 Que no decurso destes cinco anos
 Fizeram coisas tantas e tamanhas
 Que são feitos divinos mais que humanos,
 E ultrapassam os cumes das montanhas,
 Cantando, exaltarei com todo o entono,
 Se mo deixarem a pachorra e o sono!*

Conclui o Canto I com esta estância:

*Seja estrela a correr o céu distante,
 Ou problema da Esfinge que seduza;
 Boca a sangrar de ninfa perturbante
 Que com seus passos nossos passos cruza;
 Mistério do Futuro cruciante,
 Ideia pura ou face de Meduza,
 Tudo nos prende o espírito e nos guia,
 E enlaça a nossa mútua simpatia!*

No Canto II, Alfredo Pimenta observa, referindo-se aos tertulianos:

*Neles todos estão representadas
 As mais notáveis classes sociais,
 Das castas de Mavorte ora chamadas,
 Pedantemente, castas marciais,
 As castas de Galeno, malfadadas,
 E às financeiras e filosofais!
 O que na formação da Pátria entra
 Nos nove tertulianos se concentra!*

E descreve depois em nove estâncias o que se passa habitualmente nas reuniões, evocando com graça os torneios polémicos entre os vários tertulianos:

*O Alberto levantou-se inquieto e irado
Porque um X de Espinosa o impressiona...*

.....
*O João Ameal intervém logo!
E a Existência e a Essência confundidas
Espirram lógica, esparrinham fogo
Em questões do Aquinense convertidas...*

.....
Xico Santos arrisca um mas, um para...

.....
E o Caetano então salta, eloquente...

.....
*E o poeta que faz? Mete o bedelho,
De vez em quando, até que diz não crer
Que o nosso espirito possa ser o espelho
Claro da realidade real do Ser...
Cai o mundo! colérico, vermelho,
O nosso João Ameal vem defender
As bases principais do Dogmatismo,
E atacar o atrevido Scepticismo...*

.....
*Já a discussão é labareda. E a gente
Já nem percebe bem por que se bate...
O António ronrrona aconchegado,
Como gato ao fogão, feliz e amado.*

O Canto III — tres estâncias — é dedicado à entrada de Câmara Pina para a Tertúlia, o nono membro do grupo, o mais recente. E o Canto IV remata o poema em duas estâncias, a primeira das quais começa assim:

*Basta, Musa, porém; basta de rimas,
Que a voz tenho cansada e frouxa a mão.
Bem sei que tu, Tertúlia, a mais me animas,
Mas já não posso mais, não posso, não!*

O remate, a que se segue a data de 5 de Fevereiro de 1937, é este:

*Tertúlia, a ti! E, para findar, direi:
P'la Pátria e Deus! por todos nós e o Rei!*

Seguem-se, como se disse atrás, os Perfis — o último dos quais é o do próprio Autor. Vale a pena transcrever esse soneto em que Alfredo Pimenta fala de si próprio. Com ele encerrarei esta ligeira evocação de «Os Tertúliadas», desenfastiada e amena obra do autor dos «Estudos Filosóficos e Críticos», pouco conhecida e que, se bem que anedótica, nem por isso deixa de contribuir para a definição da sua personalidade e para complementar a sua biografia. Eis o referido auto-perfil:

*Tem mais de meio século de vida,
Foi, como todos, filho e neto, e, agora,
É Pai e Avô, e vê reflorescida
A sua vida, pelo tempo fora.*

*De existencia frenética e aguerrida,
Que, ao pôr do Sol, chegado, não deplora,
Provou de toda a fruta proibida,
E com remorsos de o ter feito, embora.*

*Que foi? Que fez? Que é, hoje em dia, em suma?
Sejamos francos: não tem graça alguma
Que eu diga quanto fiz e o que sonhei...*

*Dizei-o vós, em vossa voz amiga,
Ou deixai que entre estranhos, outro o diga...
Dizei-o vós, Amigos, que eu não sei!*

Domingos Mascarenhas

10 Março-82